



DESEMPENHO

**C.Vale cresce 24%
e distribui sobras**

SEM CRISE

**C.Vale abre 1.100
postos de trabalho
para abatedouros de
frangos e de peixes**

Escolinha de PROSPERIDADE

Na família Utech, novas gerações crescem aproveitando benefícios do sistema cooperativista

Sarah tinha apenas cinco anos, em 2009, quando aprendeu a identificar os caminhões da C.Vale que avistava no asfalto próximo à casa dos avós Celso e Ernilda Utech, na divisa entre Palotina e Maripá, no oeste do Paraná. Sete anos depois, ela é a professora de cinco alunos que brincam na varanda da casa durante as férias de verão. Sentados ao redor de duas mesas, eles se distraem com pinturas e desenhos quando Sarah pergunta:

- O que vocês querem ser quando crescerem?
- Eu quero ser o capitão América, pra salvar as pessoas, grita Lucas, de 3 anos, primo de Sarah.
- Eu quero ser agrônomo ou veterinário e ter um monte de vacas, responde Arthur, 9 anos, irmão da “professora”.
- E aqui em casa quem tira o leite das vacas?, indaga Sarah.
- É a mamãe, grita Vítor, 6 anos, o filho mais novo de Ivana e Aílton.
- Não é não. É a ordenhadeira, retruca Arthur, de 9 anos, irmão de Vítor.

De fato, a poucos metros da casa, em um galpão construído há pouco tempo, estão as ordenhadeiras que Ivana e o pai Celso usam para tirar o leite das 40 vacas holandesas que produzem aproximadamente 27 mil litros de leite por mês. A produção é vendida à cooperativa Frimesa e responde por 20% da renda da família.

Na “escolinha”, os alunos estão agitados e querem saber quando é o intervalo para comer o lanche, mas a professora Sarah diz que ainda é cedo e faz outra pergunta.

- Quem vai ficar no sítio quando crescer?
 - Eu! Quero fazer as coisas que o papai faz, justifica o pequeno Lucas, filho de Marson, que é tio de Sarah.
- Marson divide com o cunhado Aílton, que é pai de Sarah, as tarefas de colheita da soja nos 70 hectares que a família cultiva. Eles estão apressados para retirar os grãos da lavoura e liberar a área para o plantio do milho safrinha.

Depois de ouvir a resposta do primo, Vítor também fala:



- Eu quero ficar no sítio para ajudar o papai a cuidar dos pintinhos.

- Meus pais também cuidam dos frangos, completa Pollyana, de 10 anos.

Filha dos funcionários contratados para tomar conta dos três aviários, Pollyana e o primo Wellington, que está de férias, brincam com os netos de Celso e Ernilda na escolinha da professora Sarah. Sérgio e Maria Cristina Zanon, pais de Pollyana e Giovani, têm carteira assinada, comissão sobre o desempenho dos lotes de frango e benefícios extras, o que lhes garante um bom padrão de vida. A avicultura faz parte da rotina dos Utech há 18 anos, quando os patriarcas resolveram apostar na atividade para melhorar a renda e conseguir manter os filhos no campo.

Na “escolinha”, com os alunos já muito impacientes e loucos para “atacar” o lanche da tarde, a professora Sarah encerra a aula. É o sinal para as crianças devorarem empanados de frango preparados por Ivana.



NA CADEIRA DO PRESIDENTE

Entre um petisco e outro, os olhos de Sarah se iluminam de um azul intenso quando ela revela que seu plano é ser médica.

O irrequieto Arthur gosta de maquinários e, sempre que pode, acompanha o pai Aílton no trator ou na colheitadeira. Inclusive durante o plantio do milho safrinha, criou uma pequena fazenda no quintal de casa e plantou sua roça de milho. Com passagem pelo programa Cooperjovem, ele aprendeu que cooperativismo é cooperar com os outros.

Arthur demonstra interesse em seguir os passos do bisavô Alex, associado da C.Vale, do avô Celso, que pertence à liderança dos comitês educativos da cooperativa, e também da mãe Ivana que faz parte da organização feminina. Com a espontaneidade de seus 9 anos, ele revela.

- Um dia eu vou sentar na cadeira do presidente da C.Vale.

Quarta geração dos Utech e amigos: renda obtida com auxílio do cooperativismo garante permanência no campo

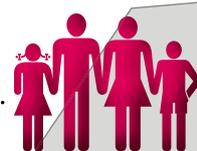
EM RESUMO

97 hectares

sustentam

14 pessoas

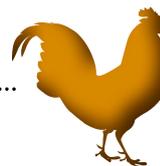
de 4 famílias



73 mil frangos

alojados em

3 aviários

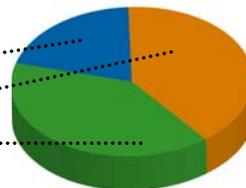


Origem da renda

Leite 20%

Frango 40%

Grãos 40%



Multiplicação dos EMPREGOS

Cooperativa está contratando 1.100 novos funcionários

Os 73 mil frangos que os Utech produzem em seus três aviários em Maripá são responsáveis não apenas por 20% da renda da família. Eles ajudam a abastecer o frigorífico da C.Vale que processa 460 mil aves/dia e que é parte de uma cadeia produtiva complexa por seus efeitos econômicos e sociais.

Para industrializar uma quantidade tão grande, a cooperativa emprega mais de quatro mil funcionários de 26 municípios paranaenses e do Mato Grosso do Sul. A demanda maior que

a procura pela carne de frango produzida pelos integrados está levando a C.Vale a ampliar ainda mais sua capacidade de abate.

Na contramão de uma recessão que dura dois anos e já cortou milhões de empregos no Brasil, a cooperativa está contratando mais 1.100 trabalhadores, sendo 700 para o setor avícola e outros 400 para o abatedouro de peixes, em construção. A necessidade de mão de obra é tanta que a área de Recursos Humanos da C.Vale tem até meta de contratações. Até junho o departamento precisa recrutar 300 funcionários por mês para novas vagas ou para o rodízio natural dentro da empresa.



Funcionários do RH da Cooperativa têm meta: contratar nada menos que 300 funcionários por mês até junho

Sonhos que se realizam

- As oportunidades de trabalho criadas pela C.Vale livraram da angústia pessoas como **Maximiliano Lopes Silva**, um operário de 40 anos do Rio de Janeiro que estava desempregado havia um ano e meio e foi contratado como técnico mecânico. “Não pensei duas vezes quando meu currículo foi aprovado. Agora quero trazer minhas filhas para Palotina”, diz.

- **Raysa de Oliveira**, de apenas 18 anos, largou família e amigos em Campo Grande (MS) por uma justa causa. “Vim atrás do meu sonho, do meu primeiro emprego com carteira assinada”, explica a jovem, revelando que a irmã **Kerilyn**, de 21 anos, também foi efetivada no abatedouro de frangos. “Agora vamos morar juntas, retomar os estudos e crescer com a empresa”, projeta.

- As oportunidades de emprego ultrapassaram fronteiras e atraíram **Suhail Ahmad**. Ele deixou o Paquistão para trabalhar como oficial de manutenção predial. Economias anteriores e o emprego no Brasil lhe permitiram comprar um carro e agora ele quer constituir família.

- O deficiente auditivo **Carlos Reiges** também conseguiu uma vaga na indústria. “Sou muito feliz aqui. Tenho trabalho, amigos e salário em dia”, diz, por meio de gestos.

- **Vanderlei da Silva Neto** trocou Alagoas pelo Paraná em 2014. Menos de um ano depois, a esposa **Maria Claudiana** também se tornou funcionária do frigorífico. Eles compraram móveis novos e agora sonham em receber uma das 192 casas que a Cohapar e o município construirão para os trabalhadores da indústria.



Vida nova em Palotina:
Vanderlei, a esposa Claudiana e
os filhos Mayanne e Vinícius

Paranaense de puro sangue **nordestino**

Por oportunidades de trabalho, casal troca o Nordeste pelo Sul do Brasil

O sorriso fácil e o carisma de quem está vivendo o mesmo sonho do emprego garantido e salário em dia se cruzam, diariamente, pelos corredores do abatedouro de frangos da C.Vale. Essa alegria é expressa em idiomas e sotaques de vários estados brasileiros e de outras partes do mundo. Os nordestinos já demarcaram território. É uma legião de amigos e parentes.

A grande família vem se multiplicando, como é o caso de Vanderlei da Silva Neto, que, há dois anos e meio, saiu de Santana do Ipanema, em Alagoas, deixando para trás a esposa Maria Claudiana e a filha Mayanne, de 5 anos, em busca de um recomeço. “O nosso futuro é aqui. Depois 11 meses e 14 dias, a cooperativa trouxe minha família e agora minha esposa trabalha no

mesmo turno que eu”, revela Vanderlei, num sotaque pra lá de carregado de felicidade. Há pouco mais de cinco meses a felicidade do casal dobrou com a chegada do pequeno Vinícius. “Ele é um paranaense de puro sangue nordestino”, brinca o pai coruja.

A certeza de dias melhores vem tomando forma. Embora ainda pague aluguel, a mobília é novinha e o casal não vê a hora de serem abertas as inscrições das casas populares que a Cohapar, a C.Vale e o município construirão para os funcionários da indústria. “Seria perfeito né! Casa própria, mobília novinha, família reunida, aí só vai ficar faltando um carrinho na garagem e voltar a estudar para continuar crescendo com a empresa”, diz Vanderlei, que já está se organizando para retomar os estudos. “A cooperativa dá oportunidade para quem está preparado. Ela nos permite sonhar e planejar com um futuro melhor”, complementa o auxiliar de almoxarifado.

“C.Vale mudou nossas vidas”

- **Vanderlei** já trabalhou como ajudante de pedreiro até auxiliar de cozinha. “A C.Vale é a quarta empresa e, se Deus quiser, a última empresa a me fichar”, revela, usando um termo bem nordestino que significa carteira assinada.

- A esposa também conseguiu trabalho na cooperativa, sua primeira “ficha”. Para a terra natal, diz que só volta para passear e rever parentes e amigos. “Quando dá muita saudade a gente liga, faz uma buchada, uma tapioca ou um mungunzá. É bom de mais”, atesta **Claudiana**, afirmando que a C.Vale mudou a vida do casal em 100%.

- “O que ganhávamos em Santana mal dava para pagar o básico. A família tinha que ajudar. Hoje, nossa renda quadruplicou e podemos retribuir ajudando outros conterrâneos”, enfatiza a mãe de **Mayanne e Vinícius**.

Agroindustrialização, fórmula para **CRESCER**

Cooperativas paranaenses apostam na agregação de valor para gerar benefícios

Agroindustrialização foi a forma que as cooperativas do Paraná encontraram para se tornarem mais competitivas e gerarem mais benefícios econômicos e sociais. É um processo que começou na década de 1990 e vem se aprofundando. A C.Vale, por exemplo, está ampliando a produção de frangos e, a partir do final de 2017, coloca em operação um frigorífico para tilápias, este último com investimentos de R\$ 110 milhões. A Frimesa, formada por outras cinco cooperativas, já comprou uma área em Assis Chateaubriand (PR), para construir um frigorífico onde vai abater 15 mil suínos/dia. “A C.Vale optou por diversificar e industrializar porque essa fórmula deixa margens de lucro maiores, gera renda ao produtor, cria empregos e incrementa a arrecadação de tributos”, explica o presidente da cooperativa, Alfredo Lang.

Os dois novos empreendimentos, da C.Vale e Frimesa, abrirão, num primeiro momento, mais 2.400 postos de trabalho. A oferta de trabalho é tão grande no oeste paranaense que as cooperativas têm dificuldades para

preencher as vagas. A C.Vale, por exemplo, precisou investir na automação de alguns setores para contornar a carência de mão de obra. A cooperativa instalou oito robôs para executar tarefas mais pesadas no abatedouro de frangos.

O presidente da Associação Comercial e Empresarial de Palotina (Acipa), Marcos Frazão, revela que 75% do ICMS do município tem origem na C.Vale. “A cooperativa é responsável por 85% do faturamento do comércio local. Imagina se ela deixasse de existir em nossa cidade. Seria um caos com reflexos incalculáveis em todos os segmentos”, avalia.

PLANO PRC 100

Os investimentos estão colocando as cooperativas paranaenses mais perto da meta do plano PRC 100. “Em 2014, o setor fechou com R\$ 50 bilhões em faturamento. O desafio é dobrar essa cifra até 2020, ou seja, chegar a marca dos R\$ 100 bilhões. Em 2016 fechamos o ano com mais de R\$ 70 bilhões em movimentação econômica”, revela o presidente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken.

A agroindustrialização globalizou as cooperativas. No caso da C.Vale, 55% da carne de frango produzida em

2016 foi exportada para 40 países. Entre os compradores estão europeus, africanos e asiáticos. A cooperativa exporta carne e importa trabalhadores, como é o caso do paquistanês Suhail Ahmad, um dos funcionários estrangeiros do abatedouro de frangos (ver matéria na página 17).

COOPERATIVISMO

C.VALE

Associados
18.795



Funcionários
8.271



Impostos
R\$ 238 milhões



Faturamento 2016
R\$ 6,82 bilhões



COOPERATIVAS PR

Associados
1,41 milhão



Funcionários
84 mil



Faturamento
R\$ 70,3 bilhões



Impostos
R\$ 1,8 bilhão



C.Vale está investindo R\$ 110 milhões na construção de um abatedouro de peixes





Suhail Ahmad diz que volta para o Paquistão apenas para passear

Do Paquistão para a C.Vale

Industrialização atrai trabalhador da Ásia para o abatedouro da cooperativa

O paquistanês Suhail Ahmad é um dos 250 estrangeiros que trabalham na C.Vale. Há dois anos e meio foi contratado como oficial de manutenção predial no abatedouro de aves. Numa tradução literal de seu nome, o “Amigo de Jesus” veio para o Brasil em busca de emprego e qualidade de vida. “Aqui é um paraíso, de gente de bem, comida farta e trabalho digno. Muito diferente de onde venho”, revela.

Para exemplificar o contraste de realidades, Suhail contou algumas curiosidades e costumes de seu país, onde os casamentos são arranjados sem que os noivos sequer se conheçam, as mulheres são impedidas de estudar e só circulam em locais públicos com a cabeça coberta ou de burca. Vivem em grandes núcleos familiares, onde os filhos se casam e vão morar na casa

dos pais do noivo. O homem pode ter até quatro mulheres. Dentro de casa, estranhos não falam e nem ficam no mesmo ambiente que as mulheres. Não comem carne de porco. Dependendo da região, os contrários ao talibã ou julgados traidores são mutilados ou punidos com a morte. Sem contar que as opções de trabalho são limitadas num país em que se convive com terrorismo e guerra.

ABERTURA PARA O ESTUDO

Segundo Suhail, seu pai, um ex-militar, deu condições para que todos os filhos estudassem e fossem morar em outros países. Essa abertura possibilitou que ele cursasse os primeiros anos das faculdades de Engenharia Civil e Biologia e concluisse um curso de técnico elétrico. A comunicação também foi aperfeiçoada. Suhail fala, fluentemente, inglês, árabe, urdu (língua oficial do Paquistão) pashto (dialeto) e o português, que considera

a mais difícil. “Elétrica é a área que mais gosto, mas para trabalhar nela preciso me qualificar aqui no Brasil”, diz o paquistanês, já sinalizando que vai voltar a estudar este ano. O esforço e economias de Ahmad já lhe permitiram comprar um carro e agora ele pretende constituir família. “Paquistão só para passear”, avisa.

Com tantos idiomas e culturas circulando pela indústria, Suhail afirma que o abatedouro é uma escola de convivência. “Aprendemos muito. Sempre vou à casa de amigos brasileiros e ajudo a preparar comidas típicas, churrasco e sempre coloco um pouco do nosso tempero”, diz, revelando que a pimenta é uma das especiarias mais apreciadas em seu país.

14.810 km

é a distância entre Islamabad, capital do Paquistão, e Palotina (PR)



Cooperativismo com a marca da **SOLIDARIEDADE**

Núcleos Femininos da C.Vale auxiliam entidades assistenciais

A atuação das cooperativas tem grande impacto social e econômico onde estão inseridas. Os tributos arrecadados, R\$ 1,8 bilhão em 2016, reforçam o caixa das prefeituras e se convertem em obras e serviços para a comunidade. Outro braço forte do sistema está na organização feminina, treinamentos e ações ambientais e sociais.

Ivana Utech é uma das 110 integrantes dos Núcleos Femininos da C.Vale, criados na década de 1970 para que as mulheres participassem de treinamentos e desenvolvessem ações em favor das comunidades. Através da qualificação recebida, muitas mulheres asseguram uma renda extra no orçamento familiar.

No dia de campo da cooperativa, realizado sempre no mês de janeiro, elas expõem e comercializam biscoitos, pães, produtos coloniais e artesanatos. Parte da renda é doada para entidades da área de ação da cooperativa. “É muito gratificante. É uma forma de retribuir o que recebemos do sistema cooperativista”, enfatiza Ivana ao revelar que os valores obtidos com a venda de alguns produtos foram revertidos para o Hospital do Câncer de Cascavel (Uopecan), pintura de fachada de escola e brinquedos pedagógicos para creches.

A liderança feminina também é voluntária na arrecadação de alimentos durante o Seminário da Mulher e promove campanhas do agasalho. “O arrecadado também é distribuído para entidades assistenciais”, reforça a mãe da Sarah, Arthur e Vítor.



Ivana (primeira à direita) e integrantes dos Núcleos Femininos durante o Dia de Campo

PAPEL DO COOPERJOVEM

- Os investimentos do Sescop têm ajudado as cooperativas a manter programas como Cooperjovem, que orienta estudantes de 4º ano sobre os princípios e benefícios do cooperativismo. Alguns dos alunos que participaram das primeiras edições do Cooperjovem na C.Vale acabaram contratados através de outro programa, o Jovem Aprendiz Cooperativo e depois efetivados pela empresa. Esse é o caso de **Angélica Loeser da Silva**. “A cooperativa representa a minha independência financeira e meu amadurecimento pessoal e profissional”, revela a recém-formada em Administração.

- Sem distinção de credo, cor ou sexo, a cooperativa tem vagas permanentes para aprendizes, trainees e portadores de deficiência.

C.VALE – 2016

Organização Feminina

131 eventos

6.358 participações

Cooperjovem

1.515 alunos

Cooperjúnior

398 filhos de associados

Liderança Jovem

200 pessoas



Um surdo que fala a língua da **felicidade**

Carlos Reiges conseguiu melhorar de vida ao aproveitar oportunidade de trabalho

Quando ainda era bebê, Carlos Rodrigo Reiges foi diagnosticado com uma anomalia cardíaca que levou os médicos a fazer uma cirurgia de risco, aos oito meses de vida. Recuperado e sorridente, a mãe percebeu que o filho não reagia a ruídos e as primeiras palavras tinham som de murmúrio. O primogênito da dona Helena e do seu Luiz havia nascido com deficiência auditiva severa.

Aos 30 anos, Carlos não ouve, mas se expressa como poucos. A inclusão social e a participação nas aulas em escola especial e regular garantiram o diploma do segundo grau e o passaporte para uma vida normal. Sem pressa

de ser feliz e degustando cada conquista, Carlos revela que seu sonho é fazer uma faculdade de Libras e, quem sabe, se tornar um professor da disciplina.

CARTEIRA ASSINADA

Muito bem resolvido e altamente produtivo, Carlos encontrou na C.Vale a oportunidade do primeiro emprego com carteira assinada. Residente em Alto Piquiri (PR), há oito anos percorre mais de 90 quilômetros para trabalhar no abatedouro de aves, no setor de Gestão de Suprimentos. “Sou muito feliz aqui. Tenho trabalho, amigos e salário em dia”, descreve por sinais e expressão labial. O tempo de casa e as economias guardadas ajudaram o auxiliar de produção a comprar um carro e uma casa onde vive com os pais e a irmã mais nova, Rita.

Outro hobby do filho da dona Hele-

na é viajar. “Adoro conhecer novos lugares. Já fui para Foz do Iguaçu, Aparecida do Norte, Maringá e pretendo, em breve, ir ao Rio de Janeiro”, revela, abrindo os braços numa referência ao Cristo Redentor.

A língua de sinais tem sido uma forte aliada de Carlos. Quando a verbalização não é clara, a leitura dinâmica das mãos entra em ação, numa agilidade que impressiona. Bem relacionado, diz que sempre se reúne com amigos surdos para churrascos, contar piadas e ouvir, isso mesmo, ouvir música. “Gosto muito de rock, sertanejo e músicas românticas”, diz o simpático funcionário, afirmando que o surdo ouve por vibrações. Ele ainda não encontrou sua cara-metade, mas diz que pretende se casar e ter filhos. “Mas não tenho pressa. Sou feliz assim também.”

Futuro **CRISTALINO**

Ações de associado e cooperativa visam uso racional dos recursos naturais

Às margens de um pequeno riacho, no interior do município de Assis Chateaubriand (PR), o pequeno Wyllian Rafeman Júnior e o avô Nicola Cabrera aproveitam para brincar de barquinhos de papel e observar os cardumes de lambaris. Entre uma conversa e outra, o avô não perde a oportunidade para destacar a importância de preservar o meio ambiente. “Tá vendo esses peixinhos nadando de um lado para outro? Se eles estão aqui é porque a água é limpinha. Isso é sinal de que estamos cuidando muito bem do rio”, explica, enquanto a corredeira

de água cristalina reflete a luz do sol em meio às pedras.

Cabrera é associado da C.Vale desde abril de 1985. Ele e o irmão Miguel produzem soja e milho na propriedade de 28 alqueires, além de diversificar atividades com dois aviários para 22.500 frangos cada. Outros aviários estão sendo construídos.

Para Nicola, a conservação dos rios, nascentes e mata ciliar é uma maneira de garantir água de boa qualidade para as futuras gerações. “Os animais e plantas são como a gente: eles precisam de água limpa. Se continuarmos fazendo a nossa parte, vamos ter água de boa qualidade por muitos e muitos anos”, completa o avô, enquanto conversa com o neto à sombra da mata.

PREOCUPAÇÃO CONSTANTE

● A C.Vale estimula a recuperação de matas ciliares fornecendo mudas e assistência técnica aos associados. Eles também participam de um programa de recuperação e conservação de nascentes.

● Em seus processos industriais a C.Vale mantém o Programa de Utilização Racional da Água. Um sistema de tratamento de efluentes assegura a devolução da água à natureza dentro dos padrões exigidos pela legislação ambiental. Funcionários da cooperativa são orientados sobre a necessidade de economia de água nas atividades industriais. Um comitê de sustentabilidade aponta soluções que visam otimizar o uso da água em todos os processos.

Nicolas ensina ao neto Wyllian a importância de cuidar do meio ambiente

